

Cidadania e Politização

Citizenship and Politicization

Eis dois conceitos que tem gerado confusões. *Cidadania* tem sido considerada por muitos como direito a ser adquirido pelas pessoas para que tenham níveis adequados de consumo. *Politização* é tratada como se fosse uma coisa para profissionais políticos que teriam a obrigação de atender aos interesses da população. Aparentemente a sociedade teria direitos, não teria responsabilidades sobre as coisas que ocorrem. Estas seriam tão somente responsabilidades dos políticos que devem servir e atender a todos os direitos que a sociedade se avoca. Seriam esses conceitos os corretos? *Cidadania* e *politização* não estariam intrinsecamente ligados e ambos não estariam vinculados à educação e à cultura de uma sociedade ética e preocupada com sua evolução?

Cidadania não seria uma questão de todos estarem atentos a seus direitos e deveres para com a sociedade em que vivem? Direitos e deveres não estariam vinculados à ética e respeito ao próximo? Isso não lembraria que o direito de um vai até onde começa o do outro? *Política* não estaria associada aos procedimentos na sociedade em que se vive? Estaria tão somente vinculada a votar e ser votado para algum cargo público? Atividade política não estaria intimamente ligada à cidadania?

Estas não são perguntas aleatórias para cada um responder sem uma avaliação consciente e crítica da sociedade em que vive. Cidadania e politização são questões básicas para qualquer sociedade e seus membros têm de ter consciência de que eles são parte integrante dela e responsáveis pelo que e como ela é. Cultura e sua educação começam a ser aprendidas já na vida intrauterina e irão ditar o comportamento de cada um e definir sua cidadania. É fato que existe um meio ambiente que poderá interferir nesse aprendizado, mas também é fato que cada um é responsável pelo seu caminho, escolhendo entre as opções que se apresentam e até criando novas.

Tudo indica que *cidadania* e *politização* estão estreitamente vinculadas e, o mais importante, que ambas são dependentes da cultura e da educação das pessoas que constituem a sociedade.

Aparentemente politização está sendo considerada como a luta pelos direitos à

DIANA HELENA DE
BENEDETTO POZZI

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Medicina, São
Paulo, Brasil

cidadania, e essa, como uma capacidade de obtenção de bens de consumo e, na maioria das vezes, vinculada a interesses de partidos políticos e não necessariamente voltada aos interesses da grande maioria da população. Essa politização tem se manifestado, mais frequentemente, através de passeatas e greves. Estas, na grande maioria das vezes, são definidas por pequenos grupos que se reúnem em assembleias, que acontecem quase sempre em reuniões realizadas após se aguardar a segunda chamada e com qualquer quórum, por mínimo que seja. A grande maioria não participa e com essa legislação vigente essas assembleias minoritárias têm definido condutas, como se tivessem uma representatividade de fato. Essa ausência de cidadania se manifesta nas mais diversas associações de classe e até em situações simples como assembleias de condomínios. Em todas estas situações fica patente a omissão da maioria, que não assume sua falta, muito embora com razoável frequência questione e mesmo condene a proposta aprovada.

Por outro lado, essas assembleias decididas por minorias de pessoas que se pretendem politizadas muitas vezes estão sendo conduzidas por políticas partidárias e, de modo geral, associadas a questões salariais de classes definidas. Essas demandas, na grande maioria das vezes, são baseadas no prejuízo econômico que uma greve desse grupo pode causar, o que lhes dá vantagem na negociação e possibilidade de sucesso. De modo geral não há maior preocupação com o prejuízo social que pode acontecer.

Fica aparente, uma injustiça social, quando grupos têm mais possibilidades de reivindicação e se aproveitam dela e procuram levar vantagem por ter maior “poder de barganha”. Isso fica mais complicado quando se vive numa sociedade de consumo que privilegia os bens materiais e onde a desigualdade é crescente, o que acarreta um aumento na violência, num simulacro de equiparação. A desigualdade tem tido um crescimento continuado e que alguns pretendem que seja justificável como, por exemplo, Ayn Rand, escritora defensora do capitalismo. Entretanto, mais recentemente, após a globalização, a desigualdade crescente tem preocupado economistas como Anthony Giddens e Thomas Piketty. Numa sociedade desse tipo, que seria regida pela procura e oferta, e na qual as vantagens são obtidas pelo “poder de barganha”, quem apresenta esse poder sempre tem a possibilidade de adquirir mais e, com isso, aumentar a procura e aqueles que não têm essa vantagem acabam sendo prejudicados, pois ficam com menos possibilidade de adquirir. Também quem leva vantagem são aqueles que lucram com o consumo consequente à procura continuada. Deve ser notado que foram criados diferentes mecanismos, entre os quais os crediários, que prejudicam a relação procura e oferta. Fica patente o crescimento da desigualdade e a carência de cidadania que deveria prevenir que isso ocorresse.

Não existiria um caminho social e político melhor para se conseguir uma sociedade mais justa e menos desigual? Anthony Giddens, Thomas Piketty, Papa Francisco têm enfatizado que se faz necessária e urgente uma mudança nas sociedades para atingirmos esse objetivo. Sugerem que isso seria possível através da educação e do aumento da cidadania, o que tem como uma de suas consequências uma melhor politização o que inclui uma melhor escolha de dirigentes.

Politização estaria resumida a votar no partido x ou y e no candidato fulano ou beltrano? Politização seria fanatizar por algum partido e considerar os outros como adversários, como acontece nas torcidas de futebol?

É fato que existe uma cultura, que é até alimentada pelos meios de comunicação, no

sentido de que nos comportemos qual rebanhos: precisamos nos fazer iguais, pertencer a turmas e quem não é da turma é adversário, pois é diferente. Seria esta uma manifestação de cidadania? Muito provavelmente, como somos todos diferentes, para pertencer a alguma turma nessas condições temos de nos adequar, o que nem sempre nos faz felizes. Isso pode até provocar uma reação contra aqueles não o fizeram, o que os faria ainda mais “adversários”.

Os modernos meios de comunicação não facilitariam novos caminhos? Muito provavelmente por essa via poderemos encontrar um mundo novo, graças a todas as diferenças existentes, muitas vezes vinculadas às diferentes culturas que, muito embora diferentes da nossa, não são inaceitáveis. Provavelmente todas as culturas têm seus aspectos positivos e negativos. A nossa não necessariamente é a melhor sob todos os aspectos. Temos a possibilidade de nos comunicar e encontrar outras pessoas com sentimentos basicamente semelhantes, mesmo não sendo da assim chamada “nossa turma”.

Temos cada vez mais meios que nos permitem conhecer e criticar os acontecimentos e fazer opções. Temos também a crescente possibilidade de não repetir os inúmeros erros que a História mostra não só no Brasil, mas em toda a humanidade. Poderemos perceber quantas vezes foram aceitos discursos bonitos e agradáveis à população, que na maioria das vezes não se traduziram em ações positivas e muitas vezes, para não dizer sempre, só produziram consequências desastrosas.

Pela internet a comunidade pode ser e tem sido convidada a participar de passeatas que chamam a atenção de todos e demonstram com clareza o que está sentindo a população, que participa desses eventos calma e espontaneamente. Também os abaixo-assinados têm sido utilizados com esse mesmo fim e até deveriam ter maior repercussão nos meios profissionais de comunicação. Talvez devesse haver maior divulgação a respeito dos resultados que têm sido obtidos. Estas seriam manifestações que abrangem a todos e não só aos grupos e com condição de fazer mudanças na sociedade. Deve ser lembrado que, para uma melhor visão e crítica do que acontece não devemos nos ater a uma única fonte de informação com suas eventuais tendências, a internet também incorre nesse problema.

É fato que para atingir os objetivos de se ter condutas éticas e cidadãos há a necessidade primeira de modificarmos a nossa cultura. No nosso país, temos de perder o espírito do “jeitinho brasileiro”, que está fortemente vinculado a levar vantagem e é celebrado por muitos. Não temos “direito à cidadania”, temos sim o dever de ser cidadãos.

Para podermos cobrar ética, temos de ser éticos e para cobrar políticos temos de ser de fato cidadãos conscientes e críticos e ter, conseqüentemente, um espírito político. Afinal, os políticos que estão no poder fomos nós que escolhemos e, provavelmente, o fizemos por algum tipo de afinidade. Chama a atenção que, na sua grande maioria, os políticos são continuamente reeleitos. Aprovaríamos seus comportamentos? Teríamos medo de renovações? Cabe lembrar Tolstoi que, em seu livro Guerra e Paz, escreveu que Napoleão não seria quem foi sem os franceses.

DIANA HELENA DE BENEDETTO POZZI *professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e editora responsável da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: revistacultext@usp.br*